

# GRANDE ESTRATÉGIA E O «SONHO DA CHINA» DE XI JINPING

Alexandre Carriço<sup>1</sup>

## A GRANDE ESTRATÉGIA DA CHINA: «DESENVOLVIMENTO PACÍFICO» E «MUNDO HARMONIOSO»

Christopher Layne define a grande estratégia de um Estado como «a visão geral dos seus objetivos de segurança e a determinação dos meios mais adequados para os atingir, o que depende da avaliação da distribuição de poder, da localização geográfica e das capacidades militares próprias e dos outros». O mesmo Layne estabelece uma metodologia prática de aferição da grande estratégia assente num processo de três passos: «determinar os interesses vitais relativos à segurança de um Estado; identificar as ameaças a esses interesses; e decidir sobre qual a melhor forma de aplicar os recursos políticos, militares e económicos para proteger esses interesses»<sup>2</sup>.

Esta definição é distinta da avançada por alguns dos mais prestigiados estrategistas chineses, que tendem a adicionar a noção de «visão particular» (*tebie shi shili*) à melhor forma de servir e defender os interesses nacionais<sup>3</sup>.

A grande estratégia (*yuanqi mubiao*) chinesa tem na condução da política externa – entendida como a aplicação de meios diplomáticos, militares e económicos por parte de um Estado com o objetivo de desenvolver e proteger os seus interesses – um instrumento fundamental. Ao contrário da sua congénere norte-americana que é mais restrita no seu enfoque porque lida com os nexos causais entre estes três tipos de meios e os objetivos de segurança de um Estado, a da China é mais ampla no seu enfoque porque lida com a relação de forças e os fatores que a modelam.

## RESUMO

O artigo descreve dois pilares conceptuais e simbióticos da grande estratégia da China («ascensão/desenvolvimento pacífico» e «mundo harmonioso») e o recente emolumento conceptual de Xi Jinping, denominado «sonho da China/chinês». Argumenta-se que este conceito é uma evolução na continuidade ainda que possa indiciar teluricamente uma alteração no padrão de comportamento do país, passando da anterior «lógica de redução das diferenças» para uma de «gestão e controlo das diferenças» dos seus interesses face aos de outros atores do sistema internacional.

Palavras-chave: China, Xi Jinping, grande estratégia, «sonho da China/chinês»

## ABSTRACT

### GRAND STRATEGY AND THE "CHINA'S DREAM" OF XI JINPING

The article describes China's grand strategy two symbiotic and conceptual pillars (Peaceful Rising/Development and Harmonious World) and Xi Jinping's "China's/Chinese Dream" recent conceptual upgrade. It is argued



that this concept is a continuity based evolution, and it might indicate – albeit in a subtle way – a slight change in the country’s behavioral pattern, from a logic of “reduction of the differences” to one of «management and control of the differences» concerning its interests and those of the other international actors.

*Keywords:* China, Xi Jinping, grand strategy, «China’s/Chinese dream»

É este enfoque numa lógica integrada de avaliação de tendências e dos objetivos de segurança nacional (interesses vitais) sob uma perspectiva holística do sistema internacional que a torna distinta da sua congénere ocidental<sup>4</sup>.

A imprevisibilidade e fluidez associada à gestão estratégica pode justificar em parte a não referência oficial e explícita a uma grande estratégia por parte da China, mas tal não impede que exista um conjunto de consensos políticos e analíticos (desenvolvimento pacífico) que permitem opera-

cionalizar uma série de ações capazes de rentabilizar em proveito nacional as atuais e potenciais tendências evolutivas das forças dialéticas do sistema internacional dentro de uma janela de oportunidade vantajosa para o país (até 2020). Tal tem como consequência, em termos práticos, que os líderes chineses devem concretizar duas tarefas: selecionarem a estratégia adequada ao poder nacional e às tendências de evolução do sistema internacional; e gerirem desafios e riscos inevitáveis e inesperados que se deparem ao longo do tempo de implementação dessa grande estratégia.

Em 2004 foi aprovado por Hu Jintao um *road map* estratégico [«O Caminho de Desenvolvimento da Ascensão Pacífica da China» – *Zhongguo Heping Jueqi de Fazhan Daolu*]<sup>5</sup> numa desejável envolvente política externa estável de um «mundo harmonioso» (*hexie shijie*)<sup>6</sup>, a qual foi formulada dois anos depois, em 2006. Em 2013, Xi Jinping divulgou após o sancionamento da liderança conjunta do Partido Comunista da China (PCC) a consecução de um «objetivo nacional» que denominou de «o sonho da China» (*Zhongguo de mengxiang*) o qual tem gerado um aceso debate interno e externo sobre qual o seu significado, desafios e tipos de instrumentos acoplados à concretização do mesmo.

Estes três conceitos representam uma «evolução na continuidade» da «mantra de 28 caracteres», formulada em setembro de 1989 por Deng Xiaoping, ao abrigo da qual o país deveria «observar calmamente as situações; defender a sua posição; fazer face às mudanças com confiança; dissimular as suas capacidades e aguardar pela sua oportunidade; manter um *low profile* intencional; evitar protagonismos; e ser proativo» (*lengjing guancha; wenzhu zhenjiao; chenzhuo yingfu; taoguang yanghui; shanyu shouzhuo; juebu dangtou; yousuo zuowei*)<sup>7</sup>.

A operacionalização desta mantra foi necessariamente gradativa, mas sofreu dois incrementos qualitativos substanciais. Primeiro – e numa dimensão interna – a partir de 1992, após a «visita de inspeção» (*nanxun*) ao Sul da China por parte de Deng, que potenciou a libertação dos constrangimentos políticos internos ao desenvolvimento de um «leninismo de mercado» ou de um «capitalismo com características chinesas». Numa segunda fase – e numa dimensão externa – a partir de 1997, resultado da assimilação percetiva das consequências negativas para Pequim e para a segurança regional da crise sino-americana no estreito de Taiwan em 1995-1996 e da crise financeira asiática de 1997, num período onde ainda estavam vivamente presentes na memória da comunidade internacional a supressão das manifestações de Tiananmen em 1989 que levaram a um embargo político,

diplomático e económico por parte da comunidade internacional. O resultado foi a definição e a adoção de um «Novo Conceito de Segurança» (*Xin anquan guan*) no final de 1997<sup>8</sup>. A condução e execução deste «Novo Conceito de Segurança» tem sido flexível e abrangente, assentando na participação ativa, na contenção de comportamentos beligerantes, na oferta de garantias, na defesa de um mercado livre, na interdependência, na criação de interesses comuns e na redução de conflitos<sup>9</sup>, caracterizando o sistema internacional como tendencialmente «multipolar» (*duojihua*) e tendo como desiderato um mundo desejavelmente «harmonioso», ao abrigo do qual a China refuta a condução de «políticas hegemónicas» (*baquan zhuyi*) e advoga a «paz e o desenvolvimento» (*heping hu fazhan*) internacionais<sup>10</sup>. O objetivo de longo prazo acoplado à grande estratégia da China de «desenvolvimento pacífico» passa por contribuir para o estabelecimento de uma ordem internacional mais «justa e razoável» (*gongzheng heli*) sem necessidade de a modificar radical ou abruptamente, adotando uma linha incrementalista capaz de potenciar a sua atual «oportunidade estratégica» (*zhanlue jiyu*), a sua confiança no plano internacional e o seu crescente poder e influência económica global<sup>11</sup>, de acordo com uma estratégia «pacífica de ida para o exterior» (*heping de zou chu qu*)<sup>12</sup>. Esta grande estratégia parte de um pressuposto fundamental que interliga as dimensões de política interna e externa referidas e que se expressa na imperiosidade da salvaguarda da estabilidade interna e externa do/ao país, o que permitirá alargar progressivamente o seu espaço e influência estratégica e diplomática, facilitando o seu acesso contínuo aos mercados, a capitais e a recursos naturais, potenciando o seu modelo de desenvolvimento económico e social e evitando no processo uma confrontação direta com os Estados Unidos ou outros países, durante uma «janela de oportunidade» (*jihui zhi chuang*) que Jiang Zemin definiu em novembro de 2002 como correspondendo às duas primeiras décadas deste século, finda a qual o país terá quadruplicado o seu PIB relativamente a 2000<sup>13</sup>. Em suma, é necessária a «defesa da paz» a três níveis para que o país possa vir a assumir-se a longo prazo como uma verdadeira potência global: ao nível do sistema internacional, ao nível do Estado chinês, e na interação deste com os outros atores do sistema internacional. O «desenvolvimento pacífico» da China deve ser efetuado em três fases sequenciais: «fase preparatória» (*ying zao jiedan*), onde o país contribuirá para preservação de uma periferia pacífica e estável prevenindo ações separatistas e instabilidade interna; «fase de modelação» (*suzao jieduan*), quando iniciar o processo de recuperação de todos os «territórios perdidos»; e «fase económica estratégica», na qual a comunidade internacional «aceitará a justiça e igualdade da nova ordem política e económica»<sup>14</sup>.

A China iniciou em 1997, com o regresso da administração de Hong Kong a Pequim, a «fase de modelação», a qual já reflete a autoperceção do país como estando num patamar mais elevado na escala de poder que há duas décadas. Mas existe a plena

A CHINA INICIOU EM 1997, COM O REGRESSO DA ADMINISTRAÇÃO DE HONG KONG A PEQUIM, A «FASE DE MODELAÇÃO», A QUAL JÁ REFLETE A AUTOPERCEÇÃO DO PAÍS COMO ESTANDO NUM PATAMAR MAIS ELEVADO NA ESCALA DE PODER QUE HÁ DUAS DÉCADAS.

consciência que os riscos de um regresso à «fase preparatória» estão omnipresentes, pelo que a prossecução e defesa de um conceito semanticamente utópico mas filosófica e sino-centricamente apelativo como o de «mundo harmonioso», destina-se a consolidar a fase atual, procurando reduzir as perceções externas negativas quanto às potenciais intenções revisionistas do país à medida que o seu poder agregado vai aumentando.

A 22 de abril de 2005, aquando da Cimeira Ásia-África, Hu Jintao divulgou a primeira formulação geral do conceito de «mundo harmonioso»<sup>15</sup>, descrevendo-o aprofundadamente em 15 de setembro do mesmo ano no seu discurso intitulado «Strive to Construct Harmonious World of Lasting Peace and Common Prosperity» ante a Assembleia Geral da ONU, ocasião das comemorações do sexagésimo aniversário da Organização e no qual definiu o significado desta nova formulação como sendo uma visão de construção de uma nova ordem internacional<sup>16</sup>. Assente numa ancoragem de cariz histórico-civilizacional, nos inelutáveis «Cinco Princípios da Coexistência Pacífica» e no «Novo Conceito de Segurança da China», esta conceptualização do sistema internacional pretende vincar uma visão associada à noção de um excepcionalismo chinês, desejavelmente «mais benigno e não coercivamente proselitista» – por comparação com o seu congénere norte-americano – sendo no entanto ambos passíveis de coexistirem de forma pacífica (harmonia na diversidade – *he er butong*), ou de coevolúrem como defende Henry Kissinger<sup>17</sup>.

De acordo com a liturgia oficial, os quatro pilares para este «mundo harmonioso» são «a democracia, a amizade, a justiça e a tolerância», os quais devem ser implementados de acordo com as seguintes *guidelines*:

- Encarar a segurança de forma abrangente, salvaguardando a paz e a estabilidade mundial. A Carta da ONU e os «Cinco Princípios da Coexistência Pacífica» devem nortear a promoção da democracia nas relações internacionais através do diálogo, negociação e cooperação. As questões internas de um Estado devem ser dirimidas pela sua população. Todos os estados devem ter direitos idênticos em termos de participação e de decisão sobre assuntos internacionais e nenhum deve tentar impor a sua vontade aos restantes.
- Ter uma abordagem mais holística e coletivista relativamente ao desenvolvimento, à segurança e à prosperidade comum com base na confiança mútua, no mútuo benefício, na igualdade e na coordenação.
- Prosseguir a cooperação de forma mais aberta e justa no contexto da globalização económica em curso, trabalhando em prol do mútuo benefício e do progresso comum baseado num desenvolvimento sustentável e na redução das assimetrias entre os países do Norte e do Sul.
- Defender a tolerância e uma sociedade mais aberta capaz de potenciar o diálogo entre civilizações e a vida em harmonia. Igualdade na diversidade e procura dos pontos comuns em detrimento das diferenças devem ser os dois dínamos de um mundo mais harmonioso<sup>18</sup>.

## **O EMOLUMENTO CONCEPTUAL DE XI JINPING: O «SONHO DA CHINA» (ZHONGGUO DE MENGXIANG)**

Para muitos chineses ligados ao meio político, diplomático, militar, económico e académico, a crise financeira de 2008 enfraqueceu os Estados Unidos, fruto das contradições internas da sua visão económica neoliberal de *small government, big society* fundamentada numa fraca supervisão macroeconómica estatal<sup>19</sup>. Segundo esta linha de raciocínio se a esta crise juntarmos o desgaste das guerras do Iraque e do Afeganistão e o impacto negativo que as mesmas tiveram no agravar do seu défice orçamental, a China estará a partir de agora numa posição mais benéfica para consolidar o seu desenvolvimento pacífico num mundo multipolar. O declínio relativo norte-americano parece indiciar uma difusão de poder no sistema internacional ou o «seu achatamento» (*guoji guanxi de bianping hua*), o que pode permitir a Pequim perceber que está perante uma boa oportunidade para tentar «concretizar algo» (*yousuo zuowei*), assumindo-se definitivamente como a grande potência emergente (*xinxing daguo*)<sup>20</sup>.

Para diversos investigadores chineses tanto militares como civis, o país deverá agora abandonar a sua «mentalidade de vítima» (*shouhaizhe xintai*) e exponenciar a «cultura do dragão» (*long wenhua*)<sup>21</sup> assente na harmonia (*hexie lun*) e na possibilidade de existir simbiose no sistema internacional – apesar das contradições intrínsecas deste – da prevalência de estereótipos (*qian pian yulu*) e de conflitos mútuos (*huxiang chongtu*)<sup>22</sup>.

Coincidentemente ou não, no final de 2008, Hu Jintao anunciou a «agenda para os dois centenários»<sup>23</sup>, a qual foi enfatizada aquando do 18.º Congresso Nacional do PCC em novembro de 2012 e transferida a sua concretização para Xi Jinping. Com base nesta agenda, Xi apresentou para aprovação da liderança coletiva do PCC o conceito de «o sonho da China»<sup>24</sup>, que após sancionado permitiu-lhe iniciar a sua divulgação em três ocasiões: em dezembro de 2012, aquando de uma visita de inspeção ao Sul da China (replicando a *nanxun* de Deng); em final de janeiro de 2013, aquando de uma sessão do Comité Permanente do Politburo; e em março de 2013 aquando da 12.ª reunião da Assembleia Nacional Popular.

Ainda que o texto integral dos três discursos não esteja disponível, alguns trechos avulsos têm sido divulgados, os quais

demonstram uma conceptualização interessante no que concerne ao plano interno e no plano externo uma aparente «evolução na continuidade» pela repetição *ad nauseum* da liturgia do «desenvolvimento pacífico» e de «mundo harmonioso».

De uma forma sintética o conceito assenta em três pré-requisitos essenciais para o «renascimento da China» (*Zhongguo wenyi fuxing*)<sup>25</sup>: «a continuação do modelo específico de desenvolvimento chinês; a consolidação do espírito patriótico chinês; e a concentração e cristalização do poder da China»<sup>26</sup> – os quais não deixam de gerar uma

O DECLÍNIO RELATIVO NORTE-AMERICANO PARECE INDICIAR UMA DIFUSÃO DE PODER NO SISTEMA INTERNACIONAL OU O «SEU ACHATAMENTO», O QUE PODE PERMITIR A PEQUIM PERCEBER QUE ESTÁ PERANTE UMA BOA OPORTUNIDADE PARA TENTAR «CONCRETIZAR ALGO».

interessante comparação com os três pilares ideológicos que estiveram na base da fundação do Kuomintang: nacionalismo, democracia e bem-estar da população.

Os dois primeiros pré-requisitos têm uma dimensão autárquica, procurando equilibrar uma dimensão ideológica e coletivista (socialismo) com a dimensão individual (enriquecimento), quando sublinha que «o sonho da China» é o «sonho de todos os chineses» numa «fase crítica de rejuvenescimento da grande nação chinesa»<sup>27</sup>.

Existem também referências confucionistas, ainda que mais oblíquas se comparadas com os conceitos de «sociedade harmoniosa e de mundo harmonioso». A referência ao objetivo de a sociedade chinesa ser até 2020 uma «sociedade moderadamente próspera» (*xiaokang*) tem uma conotação confuciana e presta fidelidade ao legado de Hu Jintao e Wen Jiabao. Mas a tónica nacionalista/patriótica e de ênfase na modernização que é empregue transcende a formulação tradicional confuciana, cuja lógica filosófica e moralista ultrapassa as fronteiras nacionais e culturais, agregando uma dimensão universalista que no «sonho da China» está ausente, ao contrário dos conceitos de «sociedade harmoniosa e de mundo harmonioso».

No plano da política externa (terceiro pré-requisito) o discurso proferido por Xi em 28 de janeiro de 2013 parece aparentemente querer mitigar as desconfianças e dúvidas quanto ao potencial impacto deste novo conceito – assegurando a continuidade na linha de atuação da China. Alguns trechos mais elucidativos foram divulgados no início de fevereiro, tendo Xi Jinping referido que:

«A China prosseguirá de forma determinada o seu caminho de desenvolvimento pacífico, reforçando o desenvolvimento conjunto, mantendo um sistema de comércio multilateral e participando na governação económica global. A China nunca conduzirá a sua política de desenvolvimento à custa do sacrifício dos interesses de outros países. Nunca retirará para si benefícios que possam prejudicar outros, mas nunca abdicará dos seus legítimos direitos e não sacrificará os seus interesses nacionais vitais. Nenhum país deve presumir que estaremos disponíveis para trocar os nossos interesses vitais ou que estaremos dispostos a engolir “o amargo fruto” da subalternização da nossa soberania, segurança e interesses no desenvolvimento. A China prossegue no seu caminho de desenvolvimento pacífico e outros países devem fazer o mesmo. Devemos alargar o nosso pensamento estratégico de desenvolvimento pacífico e fazer com que a comunidade internacional compreenda a nossa perspetiva quanto ao desenvolvimento. As atrocidades sofridas no passado pelo povo chinês deixaram uma marca indelével na memória conjunta, levando-o a desejar e a estimar uma vida pacífica e estável. A turbulência é o que o povo chinês receia e a estabilidade é o que ele defende, sendo a paz mundial algo que procura reforçar. Os cinco princípios da coexistência pacífica, o estabelecimento e desenvolvimento de uma política externa independente, a refutação da condução de políticas hegemónicas e expansionistas são pilares que contribuem para a salvaguarda da paz mundial. A China adere firmemente a estes princípios, políticas e compromissos. Irá continuar a fortalecer



o seu pensamento estratégico e a sua capacidade de desenvolver novas estratégias. A China irá prosseguir com a consecução dos objetivos do “duplo centenário”: o de construir uma sociedade moderadamente próspera até 2021; e em 2040 ser uma sociedade próspera, forte, democrática, culturalmente avançada, harmoniosa num país socialista moderno.»<sup>28</sup>

Esta liturgia voltou a ser enfatizada no seu discurso da sessão de abertura do Fórum de Boao na ilha de Hainan, em 7 de abril de 2013<sup>29</sup>.

No entanto, desde dezembro de 2012 e durante as várias ocasiões em que visitou unidades do EPL, Xi declarou que «o sonho da China é o sonho de uma nação forte, e para o EPL é o sonho de ser forte. Para alcançarmos o grande renascimento da nação chinesa deveremos garantir a simbiose entre um país próspero e umas forças armadas fortes»<sup>30</sup>. Concomitantemente, e na sua qualidade de comandante supremo do EPL, Xi promulgou recentemente um conjunto de diretivas no sentido de aperfeiçoar e intensificar um treino mais realista das Forças Armadas de forma a permitir que em caso de necessidade a China possa combater e vencer «guerras locais e limitadas sob condições de infomecanização», particularmente quando os seus interesses vitais<sup>31</sup> estiverem em causa, o que em determinadas situações, especialmente aquando de crises na sua periferia geográfica, poderá tornar difícil a conjugação sinérgica entre a sua diplomacia de «ganhos mútuos», a defesa absoluta dos seus interesses vitais e as «missões históricas do EPL»<sup>32</sup>, estas últimas definidas de uma forma muito abrangente e que lançam algumas dúvidas nos países vizinhos quanto às regras de empenhamento militar por parte da China.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Curiosamente o conceito original de Xi Jinping de *Zhongguo de mengxiang* foi recentemente ajustado semanticamente aquando da publicação em abril da edição de 2013 do Livro Branco da Defesa Nacional, passando a denominar-se «sonho chinês» (*Zhongguo meng*)<sup>33</sup>, o que traz à memória o prolífico debate léxico e o respetivo impacto percetivo externo ocorrido em meados da década passada sobre o conceito de «ascensão/desenvolvimento pacífico da China».

Na verdade estamos perante uma evolução na continuidade da «linha de pensamento» formulada inicialmente por Deng Xiaoping, demonstrando o carácter adaptativo da liderança do PCC face aos novos desafios que se lhe colocam na envolvente interna (*guonei*) e externa (*shi*).

Cronologicamente, a linha geral (*zong luxian*) e radical maoísta de «revolução e guerra» (*geming he zhanzheng*) deu lugar à «linha internacional» de Deng de uma política de «paz e desenvolvimento» (*heping yu fazhan*). Jiang Zemin manteve esta linha mas formulou o conceito autárquico das «três representações» (*sange daibiao*) – entretanto elevado a teoria – e promulgou no plano externo o «Novo Conceito de Segurança» (*xin anquan guan*). Hu Jintao procurou ajustar a linha política internacional da China através do

conceito de «ascensão/desenvolvimento pacífico» (*heping jueqi/fazhan*) cuja polémica em termos de terminologia levou ao estabelecimento de três emolumentos formulativos: dois de «harmonia» («sociedade socialista harmoniosa» – *shehui zhuyi de hexie shehui* – e «mundo harmonioso» – *hexie shijie*) e um de «cientificidade» («desenvolvimento científico» – *kexue fazhanguan*).

A formulação de Xi – ainda que com uma prioridade conferida à dimensão interna – no plano externo assemelha-se por enquanto a uma primeira tentativa de alteração da estratégia de preservação de um *low profile* (daí a referência à necessidade de desenvolver novas estratégias) que não pode continuar a ser aplicada indefinidamente, porque padece cada vez mais de contradições entre os objetivos cada vez mais ambiciosos de desenvolvimento nacional e a dinâmica crescentemente fluida – não necessariamente mais estável – existente no sistema internacional e na Ásia-Pacífico em particular.

Como as linhas divisórias entre a política interna e a política externa chinesa tendem a ser cada vez mais ténues e a sobrepor-se, cada opção – e no limite cada formulação

semântica – que a China venha a tomar no plano interno terá repercussões no plano internacional e vice-versa, tanto no plano percetivo como no plano concreto.

COMO AS LINHAS DIVISÓRIAS ENTRE A POLÍTICA INTERNA E A POLÍTICA EXTERNA CHINESA TENDEM A SER CADA VEZ MAIS TÉNUES E A SOBREPOREM-SE, CADA OPÇÃO QUE A CHINA VENHA A TOMAR NO PLANO INTERNO TERÁ REPERCUSSÕES NO PLANO INTERNACIONAL E VICE-VERSA,

Num período de consolidação de poder por parte da quinta geração de líderes políticos chineses e da persistente instabilidade económica e financeira global – ainda que para Pequim inserida numa janela de oportunidade

estratégica – tal implica a consecução de duas grandes tarefas: a necessidade de readaptar o seu discurso de «desenvolvimento pacífico» à continuidade da ascensão da China no seio de um sistema internacional que deseja que seja estável e «harmonioso»; e a inevitabilidade de ter de tomar decisões tão claras quanto difíceis em termos de política externa. O conceito de «o sonho da China/Chinês» visa, em parte, gerir este desafio, pois indicia uma tentativa ainda que telúrica de alteração do padrão de comportamento do país, passando da anterior «lógica de redução das diferenças» (*mi he fenqi*) para uma de «gestão e controlo das diferenças» (*guan kong fenqi*) face a outros atores do sistema internacional.

É notório que Pequim começou a desenvolver e a aplicar no plano do discurso político e diplomático uma nova linha, surgindo com cada vez maior frequência nas declarações oficiais expressões como «a necessidade de se transcender a atual ordem internacional» (*chaoyue xiaoyou de guoji tixi*) e «a consciência da China (*Zhongguo yishi*) está a aumentar», pelo que é possível que estejamos a assistir à construção de um «discurso normativo com características chinesas» (*you Zhongguo tese de huayu xitong*) destinado a consolidar de forma paulatina e sustentada ante a comunidade internacional o excepcionalismo do seu modelo de desenvolvimento e da sua *weltanschauung*, com base num ideário sociocultural com um



peso gravitacional civilizacional e milenar próprio, distinto do ocidental, mais particularmente do *American dream* ou do «sonho de Martin Luther King»<sup>34</sup>.

O país está agora numa etapa fulcral da sua segunda fase de desenvolvimento (fase de modelação), tendo iniciado recentemente com a definição de objetivos a trinta anos – de acordo com a «agenda do duplo centenário» – a parametrizar a terceira fase (económica estratégica)<sup>35</sup>. É um enorme desafio que coloca a quinta geração de líderes chineses numa espécie de *terra incognita*, pois não existe qualquer precedente no passado da China em que esta tenha estado tão imersa e dependente do sistema internacional como o está atualmente.

A grande estratégia da China visa a sua prosperidade, segurança, respeito e não hostilização dentro da sua própria órbita geocultural. A grande questão que se coloca é se o conceito de «o sonho da China/chinês» conseguirá corresponder a este desiderato, algo que eventualmente só poderá ser respondido por quem se dedica às artes divinatorias da leitura de folhas de chá chinês. **REI**

Data de receção: 18 de março de 2013 | Data de aprovação: 15 de abril de 2013

## NOTAS

**1** As posições expressas são da responsabilidade do autor e não representam as do Instituto da Defesa Nacional ou do Ministério da Defesa Nacional.

**2** LAYNE, Christopher – *The Peace of Illusions: American Grand Strategy from 1940 to the Present*. Ithaca: Cornell University Press, 2006, pp. 19-22.

**3** YAN Xuetong – *Analysis of China's National Interests*. [Consultado em: 28 de março de 2013]. Disponível em: [http://cns.miis.edu/books/pdfs/China\\_national\\_interests.pdf](http://cns.miis.edu/books/pdfs/China_national_interests.pdf); PENG, Guangqian, e YAO Youzhi – *The Science of Military Strategy*. Beijing: Military Science Press, 2005, pp. 32-33; LIU Yazhou – *Da Guoce* [A Grande Estratégia Nacional]. [Consultado em: 30 de março de 2013]. Disponível em: <http://www.yannan.cn/data/detail.php>; LIU Yazhou – *Xinnian yu Daode* [Fé e Moralidade]. [Consultado em: 28 de março de 2013]. Disponível em: <http://www.yannan.cn/data/detail.php>; YAN Xuetong, e SUN Xuefeng – *Zhongguo Jueqi Jiqi Zhanlue* [A Ascensão da China e a sua Estratégia]. Beijing: Beijing Renmin Chubanshe, 2005; YANG Jiemin – *Da Hezuo: Bianhuazhong de Shijie he Zhongguo Guojia Zhanlue* [Grande Cooperação: Um Mundo em Mudança e a Estratégia Global da China]. Tianjin: Renmin chubanshe, 2005; CHU Shulong – «Zhongguo de Guojia Liyi, Guojia Liliang, he Guojia Zhanlue» [Interesses Nacionais, Poder Nacional e Estratégia Nacional da China]. *Zhanlue yu Guanli* [Gestão e Estratégia]. N.º 4 1999, pp. 1-21.

**4** A envolvente externa (*shi*) é um dos três pilares fundamentais para uma boa compreensão e condução de uma estratégia de segurança nacional e uma política externa

– sendo os outros dois a identidade nacional e a estratégia. ZHU, Liqun – *China's Foreign Policy Debates*. Chaillot Papers, N.º 121, pp. 11-12. European Union Institute for Security Studies. [Consultado em: 30 de março de 2013]. Disponível em: [http://www.iss.europa.eu/uploads/media/cp121China\\_s\\_Foreign\\_Policy\\_Debates.pdf](http://www.iss.europa.eu/uploads/media/cp121China_s_Foreign_Policy_Debates.pdf).

**5** O conceito apoiava-se em três princípios: reformas económicas e políticas centradas no aprofundamento da economia socialista de mercado; cultura e civilização chinesa em interação simbiótica com a civilização humana; e equilíbrio entre os interesses dos diversos setores internos (urbano vs rural, entre as suas regiões, entre a sociedade e a economia, e entre o homem e a natureza). ZHENG Bijian – «A New Path for China's Peaceful Rise and the Future of Asia». Boao Forum, novembro. [Consultado em: 28 de março de 2013]. Disponível em: [http://history.boaoforum.org/English/E2003nh/dhwj/t20031103\\_184101.btk](http://history.boaoforum.org/English/E2003nh/dhwj/t20031103_184101.btk). De acordo com o *China's Peaceful Development Road* de 2005 e o *White Paper on China's Peaceful Development* publicado em 2011, o «desenvolvimento pacífico da China» parte de uma sedimentação ideológica histórica denominada «socialismo com características chinesas», que se desdobra em seis pilares operacionais de desenvolvimento: científico, independente, aberto, pacífico, cooperativo e comum. Estes visam a obtenção por meios pacíficos de capital, tecnologia e recursos que são essenciais à continuidade do seu desenvolvimento e à prossecução do desiderato de em 2020 a China «poder vir a ser uma sociedade moderadamente próspera e um país próspero em 2050». Information Office of the State Coun-

cil of the People's Republic of China – *China's Peaceful Development Road*. [Consultado em: 30 de março de 2013]. Disponível em: <http://www.gov.cn/english/2005/Dec/152669.htm>. Information Office of the State Council of the People's Republic of China [2011]. *White Paper on China's Peaceful Development*. [Consultado em: 30 de março de 2013]. Disponível em: [http://www.gov.cn/english/official/2011-09/06/content\\_1941354.htm](http://www.gov.cn/english/official/2011-09/06/content_1941354.htm).

**6** YUAN Peng – «A harmonious world and China's new diplomacy». In *Contemporary International Relations*, maio-junho. [Consultado em: 1 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=813>; PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS – «Hu Jintao's Speech at the Summit Meeting of the United Nations 60th Anniversary». 16 de setembro. [Consultado em: 1 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.fmprc.gov.cn/chn/zxxx/t212365.htm>.

**7** YONG Deng – *China's Struggle for Status: the Realignment of International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 41. Para uma discussão sobre a tradução desta «mantra» e a forma como muitas vezes é mal interpretada no Ocidente ver o artigo do influente general XIONG Guangkai – «Zhongwen Cihui Taoguang Yanghui Fanyi de Wajijiao Zhanlue Yiyi» [O Significado Diplomático e Estratégico da Tradução da Frase Chinesa «Taoguang Yanghui»]. *Gonggong waijiao jikan*. [Revista Quadrimestral de Diplomacia Pública]. N.º 2, 2010, pp. 55-59. *Taoguang yanghui* tem três significados possíveis: *li*) *wo xi changdan* – sofrer bastante e esperar pela vingança; *lii*) esconder as capacidades

e evitar a liderança; *liii*) manter um *low profile*.

**8** Assente em «quatro pilares e em quatro nós»: segurança cooperativa, segurança abrangente, segurança coordenada e segurança comum (*hezuo anqun, zhonghe anqun, xietiao anqun he gongtong anqun*). Como «quatro nós» temos: não à hegemonia; às políticas de poder; à corrida ao armamento; e às alianças militares. ZHU Tiangchang – «Xin Shiji Zhongguo Anquan Zhanlue Gouxiang» [A Estratégia de Segurança da China para o Novo Século]. *Shijie jingji yu zhengzhi* [Economia e Política Internacional]. N.º 1, 2000, pp. 11-15.

**9** ZHANG Yuling, e TANG Shiping – «China's regional strategy». In *Power Shift: China and Asia's New Dynamics*. Berkeley: University of California Press, 2005, p. 54.

**10** NI Feng – «Guanyu Duojuhwa de Yixie Sikao» [Alguns Pensamentos sobre a Multipolarização]. In *Taipingyang xuebao* [Jornal do Pacífico]. N.º 12, 2004, pp. 3-17. RUAN Zongze – «China's development from the perspective of the transition of the international order». In *World Security Environment*. Beijing: College of Defense Studies, National Defense University, PLA, 2007, pp. 16-24.

**11** ZOU Xiaoming – «Heping Jueqi Jinfang "Guojia Jihui Zhuyi"» [A «Ascensão Pacífica» deve Proteger o «Pragmatismo Nacional»]. [Consultado em: 2 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.tecn.cn/data/detail.php?id=10439>.

**12** WANG Jian – «Lun Zhongguo "Heping Jueqi" Zhi Keneng» [Discutir as Possibilidades da «Ascensão Pacífica» da China]. [Consultado em: 1 de abril de 2013]. Disponível em: <http://business.sohu.com/2004/05/23/90/article220239064.shtml>. JIANG Yong – «Problems facing China's going out». In *Contemporary International Relations*, setembro-outubro. [Consultado em: 1 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=3342>. TAO Jian – «Ways to advance China's "Going Out" policy». LIN Limin – «World geopolitics and China's choices». In *Contemporary International Relations*, setembro-outubro de 2010. [Consultado em: 1 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=3343>.

**13** JIANG Zemin – «Full text of Jiang Zemin's report at 16<sup>th</sup> Party Congress», Section 9, «On the International Situation and Our External Work». Beijing, 8 de novembro de 2002. [Consultado em: 1 de abril de 2013]. Disponível em: [http://english.people.com.cn/200211/18/eng20021118\\_106985.shtml](http://english.people.com.cn/200211/18/eng20021118_106985.shtml). CHEN Peiyao, e XIA Liping – *Xin Shiji Jiyuqi yu Zhongguo Guoji Zhanlue* [O Período de Oportunidade no Novo Século e a Estratégia Internacional da China]. Beijing: Shijian chubanshe, 2004. KUHN, Robert – *How China's Leaders Think*. Singapore: John Wiley & Sons [Asia], 2010, p. 508.

**14** Itálico do autor. GUO Shuyong – *Daguo Jueqi Yanjiu de Luoji Qidian* [A Lógica da Investigação sobre a Ascensão das Grandes Potências]. [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.tecn.cn/data/detail.php?id=6233>. LUO Shou e

WANG Guifang – «Zhongguo Heping Jueqi de Neihan ji qi Tujing» [O Significado Intrínseco do Curso de Ascensão da China]. In *Zhongguo Jueqi ji qi Zhanlue* [A Ascensão da China e a sua Estratégia]. Beijing: Beijing daxue chubanshe, 2005, pp. 155-157.

**15** YUAN Peng – «A harmonious world and China's new diplomacy». In *Contemporary International Relations*, maio-junho. [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=813>.

**16** PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS – «Hu Jintao's speech at the Summit Meeting of the United Nations 60th Anniversary». 16 de setembro de 2005. [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.fmprc.gov.cn/chn/zxxx/t121365.htm>.

**17** KISSINGER, Henry – *On China*. Londres: Penguin, 2011.

**18** ZHANG Qingmin – *China's Diplomacy*. Singapura: Cengage, 2011, pp. 6-9. Cf. ainda INFORMATION OFFICE OF STATE COUNCIL – *China's White Paper on Peaceful Development*. [Consultado em: 4 de abril de 2013]. Disponível em: [http://english.gog.cn/official/2011-09/06/content\\_1941354.htm](http://english.gog.cn/official/2011-09/06/content_1941354.htm)

**19** WANG Zaibang – «International situation 2008: historic transformations highlight urgent need for systematic readjustments». In *Contemporary International Relations*, março-abril. [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.cicir.ac.cn/english/ArticleView.aspx?nid=901>.

**20** CHEN Yugang – «Jinrong Weiji, Meiguo Shuailuo yu Guoji Guanxi Geju Bianpinghua» [A Crise Financeira, o Declínio Americano e o Achatamento da Estrutura Internacional]. *Shijie jingji yu zhengzhi* [Economia e Política Mundial]. N.º 52009, pp. 28-34. WU Xinbo – «Understanding the geopolitical implications of the global financial crisis». In *The Washington Quarterly*. N.º 4, 2010, pp. 155-163. CUI Liru – «Quanqiu Shidai yu Duoji Shijie» [Um mundo multipolar na era da globalização]. *Xiandai guoji guanxi* [Relações Internacionais Contemporâneas]. N.º 1, 2010, pp. 1-4.

**21** LU Gang, e YONG Xuedang – *Zhongguo Weixi Shei? Jiedu «Zhongguo Weixie Lun»* [Para Quem é a China uma Ameaça? Interpretação da Teoria da Ameaça Chinesa]. Shanghai: Xueshu chubanshe, 2004, pp. 418-419.

**22** JIANG Xiyuan, e XIA Liping – *Zhongguo Heping Jueqi* [Ascensão Pacífica da China]. Beijing: Zhongguo shehui kexue chubanshe, 2004, pp. 26-27.

**23** Refere-se à comemoração do centenário da criação do PCC em 2021 e da proclamação da República Popular da China em 2049. No plano económico o objetivo passa por atingir um rendimento médio anual bruto *per capita* de três mil dólares e em 2049 concluir o processo de modernização nacional. No âmbito da segurança e defesa o objetivo é o de acelerar a modernização do equipamento naval e aéreo e os ajustamentos doutrinários, devendo o país

assumir-se como potência regional efetiva e até 2049 prosseguir com a modernização militar de forma a transformar a China numa potência militar com capacidade de projeção global.

**24** Esta expressão havia sido popularizada em 2010 pelo livro do coronel superior Liu Mingfu, investigador da Universidade de Defesa Nacional. O lançamento da obra – com o prefácio do general Liu Yazhou, à altura comissário político da Universidade de Defesa Nacional – contou com a presença de parte significativa da cúpula do Exército Popular de Libertação (EPL) e também um representante do Conselho de Estado e rapidamente esgotou as duas primeiras edições antes de ser retirado de circulação – alegadamente para não vulnerabilizar ainda mais a delicada relação bilateral com os Estados Unidos. Em fevereiro de 2013 o livro foi atualizado e posto novamente à venda após os dois discursos de Xi Jinping sobre o mesmo título *O Sonho da China*, sendo agora catalogado como leitura recomendada na rede de livrarias da Xinhua. LIU Mingfu – *Zhongguo Meng: Hou Meiguo Shidai de Daguo Siwei yu Zhanlue Dingwei* [O Sonho da China: Pensamento de Grande Potência e Orientação Estratégica na Era Pós-Americana]. Beijing: Zhongguo youyi chubang gongsi, 2010. Para uma revisão crítica à obra cf. HUGHES, Christopher – «In case you missed it: China deram», 2010. [Consultado em: 4 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.thechinabeat.org/?p=1814>.

**25** Ilustrativamente, em 14 de março de 2013, Xi e os membros do Comité Permanente do Politburo visitaram a exposição patente no Museu Nacional em Pequim, dedicada ao tema «O Caminho do rejuvenescimento da Nação Chinesa», onde se retrata a evolução do país desde o início do «século da humilhação nacional» na década de 1840.

**26** GLOBAL TIMES – «Xi Jinping vows to press ahead with "Chinese dream"». [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.globaltimes.com/content/768534.shtml>. Ver também a série de sete comentários da Xinhua sobre o tema. [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: [http://paper.people.com.cn/rmrb/html/2013-03/27/nw.D110000renmr\\_20130327\\_6-01.htm?](http://paper.people.com.cn/rmrb/html/2013-03/27/nw.D110000renmr_20130327_6-01.htm?)

**27** WANG Yuanyuan – «"Chinese dream" driven by individuals: newspaper». [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: [http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2013-03/27/c\\_132266055.htm](http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2013-03/27/c_132266055.htm). GLOBAL TIMES – «"Chinese deram" requires rebalancing interests». [Consultado em: 4 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.globaltimes.com/content/769839.shtml>. Ver ainda o interessante editorial publicado na revista *Qushi* [Em Busca da Verdade] em 1 de abril de 2013, «Zhongguo meng huiji pang bo zheng nengliang» [O sonho da China concentra maioritariamente energia positiva]. [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.qstheory.com/zxdk/2013/201307/>.

**28** RENMIN BAO – «Zhongguo meng guigen daodi shi renmin de meng» [Em Última Análise o Sonho da China é o Sonho do

Povo. [Consultado em: 3 de abril de 2013]. Disponível em: [http://paper.people.com.cn/rmrb/html/2013-03/27/nw.D110000renmrb\\_20130327\\_6-01.htm](http://paper.people.com.cn/rmrb/html/2013-03/27/nw.D110000renmrb_20130327_6-01.htm)

**29** XINHUA – «Full text of Xi Jinping's speech at opening ceremony of Boao Forum». [Consultado em: 8 de abril de 2013]. Disponível em: [http://news.xinhuanet.com/english/china/2013-04/07/c\\_132290684.htm](http://news.xinhuanet.com/english/china/2013-04/07/c_132290684.htm).

**30** GLOBAL TIMES – «PLA vows firm support for "Chinese dream"». [Consultado em: 4 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.globaltimes.cn/content/768778.shtml>. MATTIS, Peter – «PLA deputies offer clarifications of military intentions». In *China Brief*. N.º 6. [Consultado em: 4 de abril de 2013]. Disponível em: [http://www.jamestown.org/uploads/media/cb\\_03\\_20.pdf](http://www.jamestown.org/uploads/media/cb_03_20.pdf)

**31** Os interesses vitais (*hexin liyi*) definidos em 2010 são: a estabilidade política do país; a defesa da sua soberania, segurança, integridade territorial e unidade nacional; a garantia da continuidade de

um desenvolvimento económico e social sustentável. GLASER, Bonnie – *A Shifting Balance: Chinese Assessments of U.S. Power*. Center for Strategic and International Studies. [Consultado em: 4 de abril de 2013]. Disponível em: [http://csis.org/files/publication/110613\\_glaser\\_CapacityResolve\\_web.pdf](http://csis.org/files/publication/110613_glaser_CapacityResolve_web.pdf). No plano da segurança e defesa a avaliação da constante fluidez dos riscos e ameaças que se colocam aos interesses vitais do país levam-nos a serem decompostos: na defesa da integridade territorial; na salvaguarda da defesa nacional; na defesa da soberania nacional; no desenvolvimento nacional; na defesa estabilidade nacional; e na defesa da dignidade nacional. PENG Guangqian, e YAO Youzhi – *The Science of Military Strategy*. Beijing: Military Science Press, 2005, pp. 39-43.

**32** No original, «Missões históricas das Forças Armadas Chinesas na nova etapa do século XXI» [*Xin shiji xin jiedaun wojun lishi shiming*] que foram formuladas em 2004 e são: garantir a continuidade no

poder do PCC; garantir a segurança e o desenvolvimento nacional durante o importante período de oportunidade estratégica [até 2020]; apoiar a salvaguarda e a defesa dos interesses nacionais; e desempenhar um papel importante na paz mundial e na promoção de um desenvolvimento comum. PENG Guanqian, ZHAO Zhiyin, e LUO Yong – *China's National Defense*. Singapura: Cengage Learning Asia, 2010, pp. 67-68.

**33** Cf. XINHUA – «China voice: diversified employment of armed forces guarantees the "Chinese Dream"». [Consultado em: 16 de abril de 2013]. Disponível em: [http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2013-04/16/c\\_132314384.htm](http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2013-04/16/c_132314384.htm)

**34** Cf. ZHANG Weiwei – *The China Wave: Rise of a Civilizational State*. Singapura: World Century, 2011, pp. 47-81.

**35** Para uma sistematização destes objetivos cf. KUHN, Robert – *How China's Leaders Think*. Singapura: John Wiley & Sons (Asia), 2010, p. 33.